

# Tempo de homens partidos: Notas sobre a emergência dos últimos acontecimentos na poesia de Drummond

Benjamin Rodrigues Ferreira Filho

## Resumo

Algumas anotações sobre o tempo presente são traçadas, a partir da poesia de Carlos Drummond de Andrade, levando-se em conta a ciência, a técnica, a razão, a dominação, a exploração e as guerras históricas, bem como as infelicidades trágicas de nossos dias.

Palavras-chave: Existência. Ação. Pensamento. Guerra. Atualidade.

Relativa à existência, à convivência, à consistência humana, há uma questão fundamental, para todo aquele que está vivo, imerso no labirinto do mundo, em tentativa de harmonia ou em reconhecido litígio com o tempo e o lugar que lhe cabem, no momento de cada decisão: uma vez que o homem está aí, como um dado, lançado no universo como num lance de sorte, um corpo de carne que pulsa e pesa — para onde podem encaminhar-se a sua ação e o seu pensamento diante das vicissitudes de seu tempo?

Age o bicho-homem, no meio do mundo. O homem: esta categoria — “homem” —, que é bastante assinalada, tanto no âmbito acadêmico, como nos meios de comunicação em geral, é também muito problemática. Embora prevaleça, dentro da polissemia de sua ocorrência, a crença judaico-cristã na superioridade do animal racional, chega-se a ter dúvidas acerca da validade do termo “homem” e há mesmo quem o rejeite. Em “Especulações em torno da palavra homem”, poema de *A vida passada a limpo* (1955), Carlos Drummond de Andrade mastiga, rumina e digere tal palavra até a vertigem do questionamento poético<sup>1</sup>. Em *As palavras e as coisas*, Michel Foucault afirma que o homem é uma invenção do saber e prevê seu desvanecimento, a morte do homem, sumido como um rosto de areia esculpido na praia e levado, apagado para sempre pela onda do mar. Martin Heidegger, em *Sobre o humanismo*, propõe abandonar o termo “humanismo” (assim como todos os -ismos que, afinal, são apenas ocupações filosóficas em concorrência, sob os holofotes da publicidade), já que todo humanismo determina a humanidade do homem sem levar em conta o ser, a essência do homem. A idéia predominante de “homem”, pois, para Heidegger, provém da ciência e da técnica e desconsidera o ser humano em sua propriedade, levando-o em conta apenas como instrumento: “O esvaziamento da linguagem, que prolifera rápido por toda parte, não corrói apenas a responsabilidade estética e moral, vigente em todo emprego da linguagem. Provém de uma ameaça à Essência do homem”<sup>2</sup>. Friedrich Nietzsche (*A gaia ciência*, seção 58), todavia, não se ilude com o atributo “essência”:

---

<sup>1</sup> Ver FERREIRA FILHO, Benjamin Rodrigues. Espectros do homem. *Destarte*, Vitória, v. 1, n. 1, p. 31-48, 1. sem. 2002.

<sup>2</sup> HEIDEGGER, Martin. *Sobre o humanismo*. Introdução, tradução e notas: Emmanuel Carneiro Leão. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995, p. 31-33.

A reputação, o nome e a aparência, o peso e a medida habituais de uma coisa, o modo como é vista — quase sempre uma arbitrariedade e um erro em sua origem, jogados sobre as coisas como uma roupagem totalmente estranha à sua natureza e mesmo à sua pele —, mediante a crença que as pessoas neles tiveram, incrementada de geração em geração, gradualmente se enraizaram e encravaram na coisa, por assim dizer, tornando-se o seu próprio corpo: a aparência inicial termina quase sempre por tornar-se essência e *atua* como essência! Que tolo acharia que basta apontar essa origem e esse nebuloso manto de ilusão para *destruir* o mundo tido por essencial, a chamada “*realidade*”? Somente enquanto criadores podemos destruir! — Mas não esqueçamos também isto: basta criar novos nomes, avaliações e probabilidades para, a longo prazo, criar novas “coisas”.

Não importa, aqui, contudo, a polêmica acerca da morte do homem; e, na verdade, nem a busca heideggeriana da essência do homem. Também não será discutida a morte de Deus — “Deus morreu; nós queremos agora que o super-homem viva”, diz o Zarathustra de Nietzsche<sup>3</sup>.

De toda maneira, trata-se de assumir os sérios problemas existentes em práticas milenares que até hoje apresentam, nas sociedades, uma certa aura de respeito e de sublimidade — as práticas científicas e religiosas. De um lado, o conhecimento científico opera, ao longo dos séculos, a construção de um saber que tudo classifica, cataloga, denomina, determina, objetiva e instrumentaliza; o olhar epistemológico sempre submeteu os seres vivos e as coisas a suas análises minuciosas, a suas explicações precisas e a seus domínios. De outro lado, as políticas religiosas explicam o mundo e a vida a partir de uma perspectiva supostamente pia e verdadeira, mas que, no fundo, na prática, serve para pacificar e acalmar os ânimos perigosos e finalmente subjugar os bandos humanos indômitos e torná-los povos dóceis. A este processo de violação Nietzsche chama “*domesticação da besta homem*”<sup>4</sup>. Nietzsche usa a imagem do treinamento das feras de circo para iluminar, em processo, o homem sendo tornado cristão: a domesticação do animal homem, como nos amestramentos circenses, é conseguida mediante a debilitação, o medo, a dor, o ferimento e a fome, precisamente. Foi assim, com treinamentos severos e brutais, que, segundo Nietzsche, a Igreja expandiu sua política de fé e debilitou o homem para “melhorá-lo”. A abertura abissal da vida e da existência é, assim, de um lado, explicada (“superada”) racionalmente e, de outro, deslindada a partir do vínculo com uma dimensão original supraterrânea e normativa. O homem, para a ciência, é uma equação química, física e biológica; uma cria arcaica posta sob a análise antropológica e a determinação antropomórfica; um indivíduo ou sujeito, um objeto de estudo sob os microscópios das ciências humanas. Para a religião melhor estabelecida (o cristianismo), a criação de Deus é que lança o homem na Terra e o Todo-Poderoso exige obediência da criatura para premiá-la com o Céu. Quanto ao animal racional, criado à imagem e semelhança de Deus (e assim todos os seus atos se justificam), o ser vivo por excelência, ele cada vez mais expande seu raio de ação. E um planeta inteiro é muito pouco para ele — e mesmo um universo infinito.

Por estarem atreladas, no fundo, a poderes políticos, coercitivos e destruidores, as explicações científicas e religiosas não gozam da aceitação universal e dos aplausos

---

<sup>3</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zarathustra*: um livro para todos e para ninguém. Tradução de Mário da Silva. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 288.

<sup>4</sup> Ver, por exemplo, a segunda seção de “Os ‘melhoradores’ da humanidade”, em *Crepúsculo dos ídolos*.

unânicos; ao contrário, vêm enfrentando, também, críticas, desconfianças e execrações. A morte do homem e a morte de Deus são respostas, às vezes agressivas, aos discursos que procuram, de certo modo, estabelecer um sentido definitivo a um mundo sem sentido — ou absolutamente polissêmico. Mas deixemos as mortes do homem e de Deus. Abandonemos tal discussão, para retomá-la, talvez, em um trabalho futuro. Um questionamento que provém do cerne do todo e que está, evidentemente, desde já comprometido, pela falta de distanciamento, é o que se propõe, aqui — acerca de nosso tempo. Nossos dias têm fundas raízes em eras bem remotas, afinal a aprendizagem técnica que nos ajudou a atingir o ápice do “desenvolvimento” não nasceu de um suspiro repentino e recente. A poesia de Drummond (sentimento do mundo inscrito na carne da Terra) tanto acende a memória das épocas distantes, como manifesta especificidades do tempo de duração de sua vida de poeta; também revela, em sua poética universal, como não poderia deixar de ser, questões que permanecem hoje, após sua morte (ocorrida em 1987). Em face dos últimos acontecimentos, somos convidados a pensar a propósito de nosso tempo, um tempo que Drummond pinta com palavras e lições de coisas. Um tempo, como vê Drummond, sem Deus e sem amor, de momentos cruciais e batalhas, tempo de trabalho, de guerra, de fome, de discussões, de ruídos múltiplos e de silêncio.

“Os ombros suportam o mundo” e “Mãos dadas” (que fazem parte, ambos, de *Sentimento do mundo*, de 1940), assim como “Nosso tempo” (que pertence ao conjunto *A rosa do povo*, de 1945) são três dos principais momentos em que Drummond se debruça sobre o tempo presente. Da Segunda Guerra Mundial para cá, o nosso presente mudou muito e, ao mesmo tempo, manteve, como estamos acostumados a perceber, os elementos de tragédia e catástrofe que a história arrasta consigo. Nas palavras de Octavio Ianni, em *Capitalismo, violência e terrorismo*, de 2004, acerca dos encaminhamentos que ocorreram do final do século XX para o início do século XXI:

Esse é o mundo com o qual se forma o novo ciclo de expansão do capitalismo, constituindo o globalismo, o novo palco da história, no qual se confrontam o neoliberalismo, o nazi-fascismo e o neo-socialismo. A mesma fábrica global, ou máquina do mundo, com a qual se forma a sociedade civil mundial, compreendendo estruturas mundiais de poder e configurando a globalização pelo alto, essa nova fábrica global conforma-se como o novo palco da história, palco de outras e novas guerras e revoluções<sup>5</sup>.

Ianni descreve assim nosso tempo, um tempo de sociedades centradas na tecnologia avançada, na informação, no consumo, na cibernética, na engenharia genética, na inteligência artificial, em redes mundiais de poder, nos fluxos transnacionais de capital, na desconsideração desdenhosa de tudo aquilo que está abaixo dos altos investimentos de mercado, na lumpenização generalizada, em racismos, em extremismos, em geopolíticas de guerra.

Partindo de “Nosso tempo”, de *A rosa do povo*, de Carlos Drummond de Andrade, podemos ler os sinais de um tumor, os sintomas dos graves traumas históricos<sup>6</sup> e

---

<sup>5</sup> IANNI, Octavio. *Capitalismo, violência e terrorismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004, p. 17. Em seu livro, Ianni discute as questões mais graves de nosso tempo, incluindo a violência (como medida política e como espetáculo), o consumismo, a destruição e as poderosas decisões sobre o futuro de tudo quanto há no globo.

<sup>6</sup> Um estudo anterior da atualidade está desenvolvido em: FERREIRA FILHO, Benjamin Rodrigues. Os sentidos da esperança: notas sobre os tempos atuais. In: *X Congresso Internacional Abralic 2006*:

escutar, ainda uma vez, o diagnóstico que há tempo vem sendo emitido por pensadores e poetas inquietos sobre os tempos árdios das tragédias que ocorrem (e “há sobretudo o pranto no teatro”, diz Drummond<sup>7</sup>). Afinal as questões têm longa idade e estão assinaladas na memória: dos homens, das sociedades e da terra; no real, na linguagem e no destino.

Impõe-se, de imediato, uma interrogação. Se este é tempo de partido, de homens partidos, de divisas, de gente cortada, de meio silêncio, de balanço, de comida, de horror mundial, mas ainda é tempo de viver e contar, qual a posição do poeta? Cabe ficar torto no seu canto e assistir da poltrona (na hipótese de não estar se debatendo no *front*) os saldos das disputas políticas e econômicas mostrados na televisão, editados pelas mega-empresas de comunicação? Trata-se de submeter-se simplesmente e de submeter a linguagem aos propósitos de uma sociedade consumista, tecnicista e destrutiva? Como ver os processos técnicos em sua progressiva marcha de exploração de pessoas e coisas? Como proceder diante de medidas que cada vez mais explicam racionalmente a vida e o mundo e dominam todos os fenômenos pelos esclarecimentos epistemológicos? Tudo quanto há é recurso econômico. Tudo quanto há pode ser devorado pela fome de uma pan-economia desenfreada. Que fazer num mundo em que todos devem alinhar-se à produção (ou à especulação) e administrar a própria vida de acordo com as leis de mercado e com a “liberdade” oferecida pelo capital? É dentro dessa “liberdade” que as guerras “defendem” a “justiça”, a “democracia” e a “sociedade civil”. E soam as batalhas e caem as bombas e morrem muitos. Sem contar que a guerra é um negócio. E como fica a vida? E como ficam as coisas? A vida fica reduzida, na convivência (que é política), a conflitos de forças e submissão. A coisa é desconsiderada como coisa e fica minimizada na condição de objeto, suporte ou instrumento. Supondo, à maneira de Heidegger, que aquilo que se dá, a vida, o mundo, o pensamento — o ente, a linguagem, a arte, a história, a *physis* —, manifesta a poesia das coisas, o poeta declara-se contra a destruição da poesia empreendida pela voracidade técnica, científica e econômica. E o poeta decide que apóia a poesia e se lança na *poiesis*. O poeta decide cuidar da linguagem — e de certos sentidos propostos. Mas é possível tal distinção ou afastamento? Apartar-se da dominação técnica e manifestar a poesia do ser é algo viável como decisão, postura ou escolha?

O livro *A rosa do povo* foi escrito “durante os anos cruciais da II Guerra Mundial”, conforme informa o próprio Drummond<sup>8</sup>, e publicado em 1945, ano em que são lançadas as bombas atômicas sobre o Japão e encerra-se o conflito. Mil novecentos e quarenta e cinco é também o ano do falecimento de Mário de Andrade (que morre

---

Lugares dos discursos. 1 CD-ROM. Uma abordagem anterior da história em geral foi tentada em: FERREIRA FILHO, Benjamin Rodrigues. Caligrafia de si: vida, literatura, história. In: SALGUEIRO, Wilberth Claython Ferreira (org.). *Vale a escrita?:* poéticas, cenas e tramas da literatura. Vitória: Programa de Pós-Graduação em Letras; Centro de Ciências Humanas e Naturais; UFES, 2001, p. 100-109. Também um ensaio sobre a vida como arte e poesia foi delineado em: FERREIRA FILHO, Benjamin Rodrigues. Vida e obra de cada um. *Destarte*, Vitória, v. 2, n. 1, p. 89-106, 1. sem. 2003. Vida, poesia e história são questões persistentes e abertas.

<sup>7</sup> ANDRADE, Carlos Drummond de. *Reunião*: 10 livros de poesia. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976, p. 86. O pranto dramático (contrário ao “lirismo deteriorado” oficial), que mina os armazéns, os becos e as roças, está, juntamente com as “melancolias insubornáveis” e a “face trocista”, na seção VII do poema “Nosso tempo”.

<sup>8</sup> ANDRADE, Carlos Drummond de. *A rosa do povo*. 19 ed. Rio de Janeiro: Record, 1998, p. 7. O comentário de Drummond está em uma pequena nota de apresentação da reedição autônoma do livro.

extremamente deprimido, abalado com os acontecimentos da época). Mário é homenageado, por sinal, no livro de Drummond, com o poema “Mário de Andrade desce aos infernos”.

Já no livro de estréia, *Alguma poesia* (1930), Drummond manifesta sua preocupação com os acontecimentos, com as medidas políticas, com a condução das sociedades e com as intervenções técnicas sobre a natureza, nos mais variados contextos. O poeta, desde então, expõe suas questões e sua melancolia diante do progresso técnico e dos impasses políticos, econômicos e sociais. Em “Europa, França e Bahia”, Drummond faz considerações sobre o cenário mundial que chegam a prenunciar a guerra de 1939-1945. França, Grã-Bretanha, Alemanha, Itália, Suíça, Turquia e Rússia desenham no poema a geografia e a geopolítica que se desenrolam na época. Os negócios ingleses são atentamente espiados e o poeta anuncia que “Milhões de dorsos agachados em colônias longínquas formam um tapete para sua Graciosa Majestade Britânica pisar”. A poderosa navegação se apresenta: “Submarinos inúteis retalham mares vencidos. / O navio alemão cauteloso exporta dolococéfalos arruinados”. Aparece a força fascista de Mussolini. Vêm-se as cores da Rússia, o filme bolchevista, o túmulo de Lenin. Chega! O poeta se lembra da “Canção do exílio” e de sua terra. E se refugia no saudosismo que dá encanto às palmeiras e ao sabiá — mas apenas por um instante: logo veremos Drummond voltar ao geral, ao riso e ao grito, aos problemas em si, e depois encarar o campo árduo, a devastação e os escombros.

Que lemos, pois, em Drummond, desde seu primeiro livro publicado? Lemos a tomada de posição do poeta em relação a um modo racionalista, técnico, objetivo e econômico de ver as coisas, contra o qual se pronuncia; lemos a defesa das coisas, da poesia das coisas, da irmandade do todo, já que “tudo, mas tudo é nosso irmão”, como pronuncia o poeta em “Os últimos dias” (*A rosa do povo*). Por outro lado, Drummond traça uma anti-sublimação zombeteira que, em *Alguma poesia*, atinge o amor: “Não se deve xingar a vida, / a gente vive e depois esquece. / Só o amor volta para brigar, / para perdoar, / amor cachorro bandido trem” (“Toada do amor”); marca a astúcia da conquista amorosa: “Tenho vontade de / — ponhamos amar / por esporte uma loura / o espaço de um dia” (“Esperteza”); reclama do tédio vigiado na cidade provinciana: “Devagar... as janelas olham. / Eta vida besta, meu Deus” (“Cidadezinha qualquer”); ao mesmo tempo, estampa o verso como uma espécie de ópio — “Meu verso é minha consolação. / Meu verso é minha cachaça. Todo mundo tem sua cachaça” — e escancara a vida besta da república chinfrim: “Aqui ao menos a gente sabe que tudo é uma canalha só, / lê o seu jornal, mete a língua no governo, / queixa-se da vida (a vida está tão cara) / e no fim dá certo” (“Explicação”). E Drummond convida à linguagem baixa, como resposta às provocações do poder determinante e das forças que se impõem em plena precipitação: “Oh! sejamos pornográficos / (docemente pornográficos)” (“Em face dos últimos acontecimentos”, de *Brejo das almas*). Mas a coisa incide, a coisa da coisa, cada coisa — todas as coisas retinam ao olhar do poeta: “Bem te conheço, voz dispersa / nas quebradas, / manténs vivas as coisas / nomeadas” (“Origem”, de *Lição de coisas*).

Em “A coisa”, texto publicado no Brasil, pela editora Vozes, em *Ensaios e conferências*, Martin Heidegger observa o encolhimento das distâncias no tempo e dos afastamentos no espaço: “Ontem o homem levava semanas, senão meses, para chegar aonde, hoje, o avião o leva da noite para o dia. O que, outrora, somente

depois de anos se sabia ou até nunca se vinha a saber, agora, o rádio toda hora anuncia, no mesmo instante”<sup>9</sup>.

O homem está superando as maiores distâncias, em tempo cada vez menor, prossegue Heidegger, mas a supressão da distância não implica proximidade. Ao contrário, a “monotonia e uniformidade do que não tem distância” ausenta completamente a proximidade das coisas. A relação entre o homem e a coisa é uma relação objetiva. Para Heidegger, não se pensa a coisa em seu modo de ser coisa. A coisa é reduzida a simples objeto submetido a um sujeito. A racionalidade e o conhecimento científico apresentam uma força de constrangimento que reduz tudo à condição de objeto.

Tanto as coisas são objetivadas e nunca consideradas enquanto coisas, que a ciência produziu as mais sofisticadas e devastadoras parafernalias de guerra, assim como, no extremo desse saber bélico, a bomba atômica, dotada de um assustador poder de destruição, capaz, inclusive, de eliminar a vida na terra (“A bomba / mata só de pensarem que vem aí para matar”, alerta Drummond). Essa é a consideração que se tem pelas coisas que se apresentam no mundo. Por isso Heidegger afirma que a coisa está desprezada muito antes de a bomba explodir. A “explosão é, apenas, a confirmação mais grosseira dentre todas as outras de que a anulação da coisa de há muito já aconteceu”<sup>10</sup>. E a bomba também “é uma flor de pânico apavorando os floricultores”, “é miséria confederando milhões de misérias”, “amanhã promete ser melhorzinha mas esquece”, “vai a todas as conferências e senta-se de todos os lados”, “furtou e corrompeu elementos da natureza e mais furtara e corrompera” se lhe fora possível fazê-lo, “multiplica-se em ações ao portador e portadores sem ação”, “industrializou as térmitas, convertendo-as em balísticos interplanetários”, “pula de um lado para outro gritando: eu sou a bomba”, “quer é manter acordados, nervosos e são, atletas e paralíticos”, “arrota impostura e prosopopéia política”, “oferece na bandeja de urânio puro, a título de bonificação, átomos de paz”<sup>11</sup>.

Assim, em *Sentimento do mundo* (1940), mais precisamente no poema “Congresso internacional do medo”, Drummond assegura que não é possível cantar o amor; o único cântico possível é o do medo, o medo dos espaços inóspitos, dos soldados, dos políticos de todas as laias, da morte e do pós-morte. Um medo difuso e abrangente:

Provisoriamente não cantaremos o amor,  
que se refugiou mais abaixo dos subterrâneos.  
Cantaremos o medo, que esteriliza os abraços,  
não cantaremos o ódio porque esse não existe,  
existe apenas o medo, nosso pai e nosso companheiro,  
o medo grande dos sertões, dos mares, dos desertos,  
o medo dos soldados, o medo das mães, o medo das igrejas,  
cantaremos o medo dos ditadores, o medo dos democratas,  
cantaremos o medo da morte e o medo de depois da morte,  
depois morreremos de medo  
e sobre nossos túmulos nascerão flores amarelas e medrosas.

<sup>9</sup> HEIDEGGER, Martin. A coisa. In: \_\_\_\_\_. *Ensaios e conferências*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 143.

<sup>10</sup> HEIDEGGER, Martin. A coisa. In: \_\_\_\_\_. *Ensaios e conferências*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 148.

<sup>11</sup> ANDRADE, Carlos Drummond de. *Reunião*: 10 livros de poesia. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976, p. 273-276. O poema “A bomba” pertence a *Lição de coisas*. Humor em face do extremo? Sensibilidade para o tragicômico, pois Drummond mostra que há muito de ridículo nas solenes medidas políticas, mesmo nas mais ameaçadoras e mesmo fatais.

A Segunda Guerra Mundial (que se inicia em 1939) já está em andamento, quando *Sentimento do mundo* é publicado. Nesse tempo de violência assumida, as pessoas comuns têm medo de ditadores, de democratas e de toda forma de política, pois os políticos são os senhores da guerra. O medo que têm as mães, de que seus filhos caíam feridos, mutilados, mortos, no campo de batalha, mistura-se com o medo que o pacato cidadão tem dos soldados, das autoridades ou mesmo das igrejas, uma vez que, historicamente, discordâncias políticas ou religiosas podem implicar combates e não é a “fé” ou o “amor” que vão trazer a “paz”, em qualquer ocasião. As mães, os soldados, as autoridades, as próprias coisas e os lugares e até a morte e o tempo incógnito da condição posterior à morte parecem ter medo.

Em *A solidão dos moribundos* (seção 5 de “Envelhecer e morrer”), Norbert Elias indica que a pacificação interna das sociedades tem sua face complementar na ameaça ao que lhe é exterior, contra os grupos considerados de alguma maneira perigosos. Para Elias, embora a civilização tenha alcançado um estágio em que matar alguém não seja algo especialmente prazeroso nem a morte em guerra seja algo particularmente honroso (como ocorria outrora), as pessoas continuam expostas aos perigos dos confrontos bélicos. Elias também considera que o aprendizado da humanidade é difícil e demanda intervalos de tempo muito longos, “erros graves são inevitáveis e o perigo da autodestruição, da aniquilação de nossas próprias condições de vida, no curso desse processo de aprendizado, é grande”<sup>12</sup>. As duas guerras mundiais do século XX ocorrem em um período em que o Estado já alcançou um nível considerável de pacificação interna e monopoliza os exércitos e as operações bélicas.

Mas, antes, na Idade Média, por exemplo, as sociedades estavam expostas a uma violência muito mais imediata e circunstancial e os exércitos não pertenciam exclusivamente ao Estado; saques, pilhagem e invasões eram constantes e as pessoas podiam armar-se e formar seus próprios grupos de combate, como é o caso do incrível exército de Brancaleone, da comédia (*L’Armata Brancaleone*) de Mario Monicelli. Que nós não nos enganemos com o aspecto risível do filme de Monicelli: na dimensão poética do filme, seus personagens assumidamente quixotescos e o riso que a comédia demanda (e às vezes ingenuamente se acha que não há gravidade nas comédias) expressam a tragédia histórica real. Em nosso cotidiano, não podemos mais ser assumidamente guerreiros na lida diária (como acontecia na Idade Média e em outros tempos), pois nossas sociedades estão “pacificadas” e o guerreiro é oficialmente recrutado, mas a guerra nos ameaça; por isso, pacatos e impotentes, morremos de medo e sobre nossos túmulos nascem flores também medrosas e pálidas, conforme o final do poema de Drummond.

Aliás, em seu livro *Ano 1000, ano 2000*, que tem como subtítulo “Na pista de nossos medos”, Georges Duby compara os temores humanos do medievo e os do final do século XX. A miséria, o outro, as epidemias, a violência e o além são os motivos que levam Duby a traçar os paralelos entre o período medieval e os tempos de hoje. As questões e os assombros são permanentes.

E então chega um tempo sem Deus e sem amor (todos os engodos religiosos e sentimentais que servem para acalmar os ânimos sociais estão suspensos, pois já

---

<sup>12</sup> ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos*, seguido de *Envelhecer e morrer*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001, p. 92.

não é a piedade que importa ou o amor ao próximo, mas sim a luta assumida, num tempo de destruição), um tempo de estranha “depuração”, de trabalho pesado, de vida crua, sem choro, na qual “Os ombros suportam o mundo”:

Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus.  
Tempo de absoluta depuração.  
Tempo em que não se diz mais: meu amor.  
Porque o amor resultou inútil.  
E os olhos não choram.  
E as mãos tecem apenas o rude trabalho.  
E o coração está seco.

Em vão mulheres batem à porta, não abrirás.  
Ficaste sozinho, a luz apagou-se,  
mas na sombra teus olhos resplandecem enormes.  
És todo certeza, já não sabes sofrer.  
E nada esperas de teus amigos.

Pouco importa venha a velhice, que é a velhice?  
Teus ombros suportam o mundo  
e ele não pesa mais que a mão de uma criança.  
As guerras, as fomes, as discussões dentro dos edifícios  
provam apenas que a vida prossegue  
e nem todos se libertaram ainda.  
Alguns, achando bárbaro o espetáculo,  
prefeririam (os delicados) morrer.  
Chegou um tempo em que não adianta morrer.  
Chegou um tempo que a vida é uma ordem.  
A vida apenas, sem mistificação.

“Os ombros suportam o mundo”, sabemos, tal como “Congresso internacional do medo”, pertence ao livro *Sentimento do mundo* (1940). E, antes, em *Brejo das almas* (1934), o poeta já havia escrito “Grande homem, pequeno soldado”, onde surgem a “vontade de matar nos olhos mansos”, a guerra, as batalhas, o militarismo, os heróis, as medalhas, as patentes, a destruição, as armas, a política — de maneira tão infantil (“Todos os brinquedos de minha filha: / soldado, capitão, ladrão”). Que explodam as questões de nosso tempo.

Drummond inicia o poema “Nosso tempo” assinalando que o estado de coisas traz uma agitação tremenda, que não permite a “precária síntese” de tudo ou a utopia da completude humana, em um mundo reduzido a escombros:

Este é tempo de partido,  
tempo de homens partidos.

Em vão percorremos volumes,  
viajamos e nos colorimos.  
A hora pressentida esmigalha-se em pó na rua.  
Os homens pedem carne. Fogo. Sapatos.  
As leis não bastam. Os lírios não nascem  
da lei. Meu nome é tumulto, e escreve-se  
na pedra.

Visito os fatos, não te encontro.  
Onde te ocultas, precária síntese,  
penhor de meu sono, luz  
dormindo acesa na varanda?  
Miúdas certezas de empréstimo, nenhum beijo  
sobe ao ombro para contar-me



a cidade dos homens completos.

Calo-me, espero, decifro.  
As coisas talvez melhorem.  
São tão fortes as coisas!

Mas eu não sou as coisas e me revolto.  
Tenho palavras em mim buscando canal,  
são roucas e duras,  
irritadas, enérgicas,  
comprimidas há tanto tempo,  
perderam o sentido, apenas querem explodir.

Esta é a primeira parte do poema, que é constituído de oito seções. Aparece, aqui, a suspensão das leis, cuja base de arbitrariedade e hipocrisia é desvelada (“As leis não bastam. Os lírios não nascem / da lei. [...]”); revela-se a hostilidade geral, que requer dureza — e nenhuma sentimentalidade (“[...] Meu nome é tumulto e escreve-se / na pedra”). A linguagem quer se manifestar, quer transbordar pelos canais da comunicação, do diálogo, mas não há possibilidade, há somente a rigidez e a contenção; retidas as palavras, o sentido se esvazia e a necessidade da fala é meramente necessidade de escoamento, de desabafo, incontinência detida, isto é, urgência de explosão.

O poema prossegue: “Este é tempo de divisas, / tempo de gente cortada. / De mãos viajando sem braços, / obscenos gestos avulsos”. As mutilações são fatos de guerra, assim como a destruição e a mortandade. A política, impassível ou irada, dá continuação a suas operações de administração, espionagem, ameaça, balanço, publicidade, sublimação (“No céu da propaganda / aves anunciam / a glória”). Mas, enquanto isso, a vida prossegue e os negócios não podem parar e as finanças devem ser multiplicadas e tudo deve ser monetarizado, até mesmo a “alma”:

O esplêndido negócio insinua-se no tráfego.  
Multidões que o cruzam não vêem. É sem cor e sem cheiro.  
Está dissimulado no bonde, por trás da brisa do sul,  
vem na areia, no telefone, na batalha de aviões,  
toma conta de tua alma e dela extrai uma porcentagem.

E não há outra política. Desde o final do século XV até hoje, o Ocidente espalha a sua ordem e implanta a sua lógica; capitaliza a natureza (todos os elementos do meio ambiente são “recursos naturais” e nada além disso) e subjuga os lugares (colônias para exploração e depois países endividados). Todos os povos do planeta são obrigados a viver segundo a orientação “racional” do modo de vida ocidental capitalista. Trata-se da ocidentalização geral do mundo, que adentra e controla as sociedades e constrói discursos sofisticados para cristalizar e sustentar idéias vazias (e, no entanto, consistentes) como “propriedade”, “justiça”, “democracia”, “liberdade”:

Escuta o horrível emprego do dia  
em todos os países de fala humana,  
a falsificação das palavras pingando nos jornais,  
o mundo irreal dos cartórios onde a propriedade é um bolo com flores,  
os bancos triturando suavemente o pescoço do açúcar.

E a política de dominação e de exploração é ainda mais antiga. Desde as primeiras civilizações, a forma de organização política dos homens é brutalmente hierárquica e

os privilégios são disputados no âmbito da luta e da subjugação, tendo sempre havido uma massa de subalternos obedientes e ignorantes.

O domínio material e simbólico exercido sobre os homens, sobre as coisas e sobre os lugares vence também a linguagem e a expressão do pensamento. Quanto ao encaminhamento técnico dado à linguagem e à filosofia, Heidegger o situa já entre os gregos:

Para aprendermos a experimentar em sua pureza — e isto significa também levar à plenitude — essa Essência do pensar, devemos libertar-nos da interpretação técnica do pensamento. Seus primórdios remontam até Platão e Aristóteles. Para eles o pensamento é, em si mesmo, uma *techne*, o processo de calcular a serviço do fazer e operar<sup>13</sup>.

Heidegger situa entre os gregos o direcionamento técnico-científico da vida. No texto “De uma conversa sobre a linguagem entre um japonês e um pensador”, Heidegger cita até afetivamente o diálogo *Íon* de Platão, no qual Sócrates defende que os rapsodos são mensageiros dos poetas e dos deuses<sup>14</sup>; o ensaio “Que é isto — a filosofia?” encerra-se com a voz de Aristóteles: “O sendo-ser torna-se, de múltiplos modos, fenômeno”; entretanto Sócrates, Platão e Aristóteles são acusados por Heidegger de matar a poesia anterior do pensamento grego, fazendo nascer sobre o esquecimento do ser a razão metafísica. A crítica à escola socrático-platônica, que não está somente em Heidegger (Nietzsche ataca obsessivamente Sócrates e Platão), não deve ser aceita tão facilmente, pois demanda uma vasta discussão, cabendo, inclusive, a verificação da filiação (indesejada) de Heidegger à filosofia ocidental, com a qual ele julga romper. A “Essência do pensar”, para Heidegger, foi há muito esquecida, subjugada, abandonada em favor de uma filosofia técnica e tecnicizante. A filosofia, de acordo com essa perspectiva, esteve desde muito tempo já a serviço da ciência e dos avanços científicos, empreendeu pesquisas que possibilitaram a instrumentalização da natureza e das coisas e conduziu ao longo dos séculos o raciocínio objetivo e objetivante. E é nesse processo que nasce o sujeito: uma inteligência técnica dotada de alguma emoção, que está totalmente vinculada a um contexto científico-político-econômico-social e que, distante das coisas, toma todas elas como objetos. Evidentemente o sujeito é também objeto em relação a outras subjetividades e em relação ao *modus operandi* determinante.

Heidegger propõe, então, o pensamento em consonância com a poesia para resgatar o desabrochar do ser, esquecido pela linguagem técnica. Contudo, até que ponto é válida a auto-atribuição da linguagem poética? A comunhão da linguagem com o ser, com a verdade e com a essência, pretendida como superação do primado da metafísica não seria uma ilusão ou uma presunção? Dentro de um mundo que está sob o jugo da técnica, como pretender ser o porta-voz da linguagem poética que enfrenta a razão e homologa a linguagem como casa do ser? No poema “Morte no avião” (*A rosa do povo*), o poeta anuncia: “Estou na cidade grande e sou um homem / na engrenagem [...]”.

---

<sup>13</sup> HEIDEGGER, Martin. *Sobre o humanismo*. Introdução, tradução e notas: Emmanuel Carneiro Leão. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995, p. 26.

<sup>14</sup> Sobre o diálogo *Íon*, ver: FERREIRA FILHO, Benjamin Rodrigues. *Íon ou o rapsodo iluminado*. *Revista Garrafa*, Rio de Janeiro, n. 10, ago-out 2006. Disponível em: <http://www.ciencialit.letras.ufrj.br/>. Acesso em 6 de maio de 2008.

A interpretação técnica do pensar e do agir é que conduz ao “tempo de gente cortada. / De mãos viajando sem braços, / obscenos gestos avulsos”. Haver gente mutilada é um resultado muito previsível das operações de guerra. Os gestos de mãos decepadas que são lançadas ao ar não são obscenos na ótica técnica; ferimento, morte, destruição são conseqüências “naturais” das guerras e são preços baixos (ou pelo menos pagáveis, mesmo que “caros”, na eloqüência dos discursos políticos) no balanço técnico da mobilização dos exércitos — ou mesmo da produção e do mercado, no contexto da guerra oculta que ocorre no dia-a-dia das sociedades.

É um tempo duro, seco e violento: “Miúdas certezas de empréstimo, nenhum beijo / sobe ao ombro para contar-me / a cidade dos homens completos”. Completos???. Mutilados, sim, como mostrou o poeta. Reduzidos a frangalhos, sim. No livro *Guerra em surdina*, romance sobre a participação da Força Expedicionária Brasileira (FEB) na Segunda Guerra Mundial, Boris Schnaiderman registra, em vários momentos, além da decadência e das baixas dos soldados, a miséria da população. Os civis, atingidos pela guerra, perdem suas casas (ou moram nelas mesmo que estejam destruídas), seus bens, parentes, amigos e toda a organização que os situava na vida social. Agora é somente a miséria que os abriga:

A população parece mais miserável e assustada que em outras partes. Por ocasião das refeições, quando nos agrupamos em torno da cozinha fumegante, uma verdadeira multidão esquelética e murcha vem assistir ao nosso repasto. Velhos, moças, crianças, todos têm um olhar de cão faminto para as nossas marmitas. Não é possível comer com tanto sofrimento em volta. Geralmente, belisca-se um pouco e vai-se entregar a marmita a alguém na multidão. Vi companheiros chorando depois de uma cena dessas. Mas não há dúvida: temos que nos calejar e aceitar tudo<sup>15</sup>.

O sofrimento da população (no caso, a italiana) comove os soldados, mas não se deve ler ingenuamente a precária emoção e a frágil solidariedade. Os militares pilham as cidades, prostituem ou estupram mulheres e endurecem cada vez mais o coração diante dos desastres que testemunham ou provocam (“[...] Meu nome é tumulto e escreve-se / na pedra”, inscreve Drummond; “Mas não há dúvida: temos que nos calejar e aceitar tudo”, assinala Schnaiderman). Não há lugar para comoção, quando a ordem é lutar. Em seu ensaio “A poética de Wolfgang Borchert e a experiência da guerra”, sobre o conto “O relógio de cozinha” do autor alemão, Manuel Antônio de Castro afirma:

Uma parte da literatura alemã, produzida logo depois da guerra, foi caracterizada como *Trümmenliteratur*. Uma geração de escritores descreveu o que havia ao seu redor e se identificou com os homens entre as ruínas, que encontravam em sua terra. A expressão pode tanto se relacionar com a matéria e os motivos como com as condições espirituais e materiais de tais autores. Constrói-se basicamente em torno de três palavras nucleares: guerra, volta ao lar e escombros. Era um tempo por demais cinzento para que pudessem ser envolvidos por qualquer motivo idílico. Os que voltam ao lar, antigos soldados e prisioneiros, queriam ver a realidade como ela se apresentava, sem cores que a desfigurassem. Têm uma expressão seca e contida, fugindo a qualquer heroicização ou transfiguração romântica da realidade<sup>16</sup>.

<sup>15</sup> SCHNAIDERMAN, Boris. *Guerra em surdina*. 4. ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2004, p. 102.

<sup>16</sup> CASTRO, Manuel Antônio de. A poética de Wolfgang Borchert e a experiência da guerra. In: *Travessia poética*. Disponível em: <http://acd.ufrj.br/~travessiapoetic/interpret/apoeticade.htm>. Acesso em 12/3/2005.

Curiosamente, estamos falando de traumas italianos e alemães, cujas políticas fascista e nazista, juntamente com seus objetivos imperialistas, são diretamente responsáveis pela guerra de 1939-1945. Mas a determinação consumista do mundo que os Estados Unidos forjaram, a política bélica empreendida por eles ao longo das décadas, todas as suas operações militares (Vietnã, Afeganistão, Iraque, sem falar das bases espalhadas pelo mundo e das projeções invisíveis) e o fato de serem eles os mandatários da política nuclear e da economia de guerra não nos permitem, a não ser que sejamos muito ingênuos, vê-los como heróis ou representantes da “paz mundial”, de acordo com o que se configura nos discursos sofisticados dos políticos ianques. E na verdade nenhum povo pode escapar dessa lógica, já que ela direciona o funcionamento do mundo.

“As coisas talvez melhorem. / São tão fortes as coisas”, suspira Drummond. As coisas são fortes, mas nem por isso rechaçam o domínio da técnica, como o poeta verifica, olhando as ruínas, pensativo e melancólico. Para Heidegger, assim como a coisa é objetivada, praticamente anulada enquanto coisa pela racionalidade científica — que tanto pode submetê-la ao tecnicismo como pode destruí-la, sem (ou com) maiores ou menores ponderações —, também o pensamento perde sua força poética e sua correspondência com a *physis* quando é obrigado, sempre pela força da razão, a render-se ao conhecimento científico e a submeter também todas as coisas à lógica da *episteme*. Segundo Heidegger, “filosofia” já é um termo desgastado e se queremos empregar este termo “filosofia” de modo a superar este uso gasto, devemos escutar a filosofia em sua manifestação grega como *philosophía*, contexto no qual a essência da linguagem manifesta-se no *logos* e a filosofia é “ao modo da correspondência que se harmoniza e põe de acordo com a voz do ser do ente”<sup>17</sup>. Emmanuel Carneiro Leão, discutindo essa questão em seu ensaio “O pensamento originário”, aponta “a decadência planetária de pensamento em que hoje nos debatemos”<sup>18</sup> e busca retomar o vigor do pensar presente nos primeiros pensadores gregos, que a objetividade científica de hoje despreza. É esse vigor que Manuel Antônio de Castro, no seu livro *Linguagem: nosso maior bem*, afirma haver em Heráclito quando o pensador efésio diz que é sábio auscultar o *logos*, falar assim como o *logos* fala, dizer-com o *logos* (homologá-lo). Trata-se ainda do vigor do agir, pois “a essência do agir desde o *mythos*, os pensadores originários e os poetas esteve sempre ligada à *poiesis*”<sup>19</sup>. Mas volta o incômodo: até que ponto a *poiesis* se dá, assim compreendida e defendida, fora do domínio epistemológico, se a inteligência humana já lança seus tentáculos desde os primeiros balbucios mitológicos? O *logos* pode até cantar sua *poiesis*, mas a poesia humana já é técnica de manipulação da linguagem (e deslumbramento): “O poeta municipal / discute com o poeta estadual / qual deles é capaz de bater o poeta federal”, escarnece Drummond, em “Política literária” (*Alguma poesia*), “Enquanto isso o poeta federal / tira ouro do nariz”.

Da mesma maneira que a coisa é sujeitada à exploração técnica, ao conhecimento científico, à produção tecnológica, ao consumo massificado, ao desejo material imediatista e é desconsiderada ou mesmo anulada em seu modo de ser coisa, também o homem não é apreendido, não é respeitado enquanto homem e, pelo

---

<sup>17</sup> HEIDEGGER, Martin. Que é isto — a filosofia? In: \_\_\_\_\_. *Conferências e escritos filosóficos*. Tradução e notas: Ernildo Stein. São Paulo: Nova Cultural, 1999, p. 39.

<sup>18</sup> LEÃO, Emmanuel Carneiro. O pensamento originário. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 47, out.-dez. 1976, p. 5.

<sup>19</sup> CASTRO, Manuel Antônio de. Poiesis, sujeito e metafísica. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *A construção poética do real*. Rio de Janeiro: 7Letras; Faculdade de Letras/UFRJ, 2004, p. 13.

contrário, é somente visto como sujeito (que objetiva, domina e destrói a coisa) ou objeto (que funciona como ferramenta ou alavanca ou peça ou função) e então é instrumentalizado pelo trabalho técnico (“o rude trabalho” a que se refere Drummond em “Os ombros suportam o mundo”), ao longo dessa rústica história que escreve a humanidade.

Poeticamente, tentamos nos irmanar com o todo. No entanto tudo está subordinado ao homem técnico e econômico. As coisas são fortes. Entretanto facilmente as coisas tornam-se matéria-prima, objeto e logo em seguida sucata. E tudo fica exposto à degradação e corre o perigo de perecer. Mas, ora, esta cantilena não parece uma reclamação infantil, quando já não cabe o idílio e as guerras são exatamente a base da civilização, são a medida e a concessão provisória da “paz”, são o fundamento da civilização? De nada adianta que os delicados prefiram morrer.

Em “Nosso tempo”, o poeta tenta romper com a determinação tecnicista, arma-se e assume a violência da oposição e do combate:

O poeta  
declina de toda responsabilidade  
na marcha do mundo capitalista  
e com suas palavras, intuições, símbolos e outras armas  
promete ajudar  
a destruí-lo  
como uma pedra, uma floresta,  
um verme.

Estaremos, porém, em condições de romper com tal marcha? Nós, que somos sujeitos, objetos, peças ou efeitos dentro do sumidouro que é o campo de força que nos sujeita? O próprio Heidegger, muito seguro de ser o cantor da música do ser, não está livre da relação da inteligência humana com a política e a devastação. Escreve delicada e sensivelmente “O caminho do campo”, “Do mistério da torre dos sinos” ou “Por que ficamos na província”, porém tem seu nome ligado ao movimento nazista. É muito conhecida a questão “Heidegger e o nazismo”<sup>20</sup>. Um leitor atento, Jorge Semprun, prisioneiro no campo de concentração de Buchenwald, conversa com o tenente Walter Rosenfeld “sobre a atitude pró-nazista de Heidegger” e impacienta-se com a “tamanha instilação de obscuridades, de pseudo-etimologias torturadas e torturantes, de ressonâncias e assonâncias puramente retóricas” de sua filosofia<sup>21</sup>.

Somos todos vítimas do encaminhamento que demos à vida e prisioneiros da atmosfera racional que nossa industriiosidade construiu. Fugir? Ser raptado por serafins? Paralisar a ação e o pensamento? Não há fuga possível. O poeta descarta a omissão e a paralisia, até porque inexistente a neutralidade. Decorre da tomada de posição de Drummond a postura favorável em relação à União Soviética e à tomada de Berlim, no desenrolar da Segunda Guerra Mundial. A devastação processa-se em volta e ninguém está isento. Estamos todos na ciranda da guerra e é proibido abster-

---

<sup>20</sup> Entretanto, cabe consultar a “entrevista-testamento” de Heidegger (“Heidegger e a política. O caso de 1933”), publicada na revista Tempo Brasileiro, em que ele se defende da acusação de que teria colaborado com o nazismo ou enaltecido o regime e, inclusive, informa que chegou a ser perseguido politicamente e depois recrutado pelo exército de Hitler.

<sup>21</sup> SEMPRUN, Jorge. *A escrita ou a vida*. Tradução: Rosa Freire D’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 102 e 97.

se. Em primeiro lugar, a “Carta a Stalingrado”, cidade que se ergue das cinzas, na surpreendente resistência à invasão alemã:

Stalingrado...

Depois de Madri e de Londres, ainda há grandes cidades!  
O mundo não acabou, pois que entre as ruínas  
outros homens surgem, a face negra de pó e de pólvora,  
e o hálito selvagem da liberdade  
dilata os seus peitos, Stalingrado,  
seus peitos que estalam e caem,  
enquanto outros, vingadores, se elevam.

A poesia fugiu dos livros, agora está nos jornais.  
Os telegramas de Moscou repetem Homero.  
Mas Homero é velho. Os telegramas cantam um mundo novo  
que nós, na escuridão, ignorávamos.  
Fomos encontrá-lo em ti, cidade destruída,  
na paz de tuas ruas mortas mas não conformadas,  
no teu arquejo de vida mais forte que o estouro das bombas,  
na tua fria vontade de resistir.

Saber que resistes.  
Que enquanto dormimos, comemos e trabalhamos, resistes.  
Que quando abrimos o jornal pela manhã teu nome (em ouro oculto) estará firme  
no alto [da página].  
Terá custado milhares de homens, tanques e aviões, mas valeu a pena.  
Saber que vigias, Stalingrado,  
sobre nossas cabeças, nossas prevenções e nossos confusos pensamentos  
distantes  
dá um enorme alento à alma desesperada  
e ao coração que duvida.

Stalingrado, miserável monte de escombros, entretanto resplandecente!  
As belas cidades do mundo contemplan-te em pasmo e silêncio.  
Débeis em face do teu pavoroso poder,  
mesquinhas no seu esplendor de mármore salvos e rios não profanados,  
as pobres e prudentes cidades, outrora gloriosas, entregues sem luta,  
aprendem contigo o gesto de fogo.  
Também elas podem esperar.

Stalingrado, quantas esperanças!  
Que flores, que cristais e músicas o teu nome nos derrama!  
Que felicidade brota de tuas casas!  
De umas apenas resta a escada cheia de corpos;  
de outras o cano de gás, a torneira, uma bacia de criança.  
Não há mais livros para ler nem teatros funcionando nem trabalho nas fábricas,  
todos morreram, estropiaram-se, os últimos defendem pedaços negros de parede,  
mas a vida em ti é prodigiosa e pulula como insetos ao sol,  
ó minha louca Stalingrado!

A tamanha distância procuro, indago, cheiro destroços sangrentos,  
apalpo as formas dismanteladas de teu corpo,  
caminho solitariamente em tuas ruas onde há mãos soltas e relógios partidos,  
sinto-te como uma criatura humana, e que és tu, Stalingrado, senão isto?  
Uma criatura que não quer morrer e combate,  
contra o céu, a água, o metal, a criatura combate,  
contra milhões de braços e engenhos mecânicos a criatura combate,  
contra o frio, a fome, a noite, contra a morte a criatura combate,  
e vence.

As cidades podem vencer, Stalingrado!

Penso na vitória das cidades, que por enquanto é apenas uma fumaça subindo do Volga.

Penso no colar de cidades, que se amarão e se defenderão contra tudo.  
Em teu chão calcinado onde apodrecem cadáveres,  
a grande Cidade de amanhã erguerá a sua Ordem.

No calor da hora de horror, o poeta, pressentindo há tempo o arrepio de medo do ladrar nazi-fascista, vendo o mundo em chamas, tocando com as mãos os destroços de Stalingrado — o poeta adere à guerra (a guerra abraça o poeta), o poeta também luta. A mobilização fascista ocorre já antes de 1933. Em “Europa, França e Bahia”, de *Alguma poesia* (1930), como vimos, Drummond aponta movimentos de Mussolini na Itália e o navio alemão que “importa dolococéfalos arruinados” (as medidas do crânio remetem à idéia de raça e às experiências científicas com seres humanos). De 1934 a 1940, a Alemanha multiplicou sua produção bélica. Em 1939, os nazistas invadem a Polônia. Em 1940 ocorrem as ocupações de Noruega, Dinamarca, Holanda, Bélgica e Luxemburgo; segue-se a invasão da França; depois, em 1941, é a vez de Grécia e Iugoslávia; em seguida são executados os ataques aéreos sobre Londres. Os planos expansionistas de Hitler são ambiciosos e a União soviética, que é, ao mesmo tempo, um obstáculo e uma etapa a ser vencida, é invadida, ainda em 1941, por um exército alemão muito superior em homens e armas.

Apesar de seu tom partidário em relação ao regime de Stalin, Leonid Ieremeev, em seu livro *A União Soviética na Segunda Guerra Mundial*, dá a medida da força de resistência e do inacreditável poder do contra-ataque soviético, que, afinal, causa a derrota nazista, o que é reconhecido na época e nos dias de hoje. É a esta força que Drummond se refere quando apóia a resistência de Stalingrado contra a ofensiva nazista que pretende vencer o mundo.

O poema que se segue a “Carta a Stalingrado”, em *A rosa do povo*, é “Telegrama de Moscou”:

Pedra por pedra reconstruiremos a cidade.  
Casa e mais casa se cobrirá o chão.  
Rua e mais rua o trânsito ressurgirá.  
Começaremos pela estação da estrada de ferro  
e pela usina de energia elétrica.  
Outros homens, em outras casas,  
continuarão a mesma certeza.  
Sobraram apenas algumas árvores  
com cicatrizes, como soldados.  
A neve baixou, cobrindo as feridas.  
O vento varreu a dura lembrança.  
Mas o assombro, a fábula  
gravam no ar o fantasma da antiga cidade  
que penetrará o corpo da nova.  
Aqui se chamava  
e se chamará sempre Stalingrado.  
— Stalingrado: o tempo responde.

Drummond registra em seu livro o esfacelamento das cidades durante a Segunda Guerra Mundial. No caso de Stalingrado, antes Tsaritsyn, hoje Volgogrado (o nome eminente de Stalin foi riscado do topônimo), sua força de combate, inferior à do inimigo, ainda assim o vence. E o poeta faz vir em seus versos, de Moscou, já a energia da reconstrução da cidade em ruínas. *A rosa do povo* traz ainda outros poemas relativos à guerra: “Mas viveremos” (“Já não há mãos dadas no mundo. /

Elas agora viajarão sozinhas. / Sem o fogo dos velhos contatos, / que ardia por dentro e dava coragem”, “Visão 1944” (“Meus olhos são pequenos para ver / o mundo que se esvai em sujo e sangue, / outro mundo que brota, qual nelumbo / — mas vêem, pasmam, baixam deslumbrados”) e “Com o russo em Berlim” (“Esta cidade oculta em mil cidades, / trabalhadores do mundo, reuni-vos / para esmagá-la, vós que penetrais / com o russo em Berlim”). Aparece em *A rosa do povo* o namoro de Drummond com o comunismo (expresso na evidente referência ao *Manifesto comunista*), esperança de dias fraternos e não socialmente humilhantes. Hoje isto é uma bobagem, mas ainda na década de 1980 atua uma força política chamada esquerda. Hoje, no Brasil, até o Partido dos Trabalhadores (PT) — que era levado a sério e contava com a simpatia de alguns dos segmentos mais críticos da sociedade —, instalado no poder com o governo Lula, já se rende aos conluios políticos conservadores e revela seu oportunismo, sua retórica e seu populismo, mas em 1945 os projetos sociais e socialistas trazem algum alento utópico, tanto que os Estados Unidos, depois da guerra, implementam o Plano Marshal (que visa conter a expansão socialista) e têm que apoiar os vários golpes de Estado, seguidos de governos ditatoriais, na América Latina, todos contrários à “ameaça comunista”; além disso, temos os sombrios e periclitantes anos de guerra fria entre os dois blocos políticos que dividem o mundo, socialismo e capitalismo (embora o “socialismo realmente existente” revele-se tão ríspido e decepcionante, afinal). Porém, assim como mãos humanas são decepadas pelas armas de guerra, a esquerda é amputada, enfim, do cenário político, no final do século XX. Não existe mais esquerda; só a direita permanece.

Voltando à Segunda Guerra Mundial, milhões de vidas humanas são sacrificadas e os escombros multiplicam-se. Termina o conflito mundial de 1939-1945, mas a luta não chega ao fim. Hoje, ela continua seus estragos em diversas partes do planeta, pois afinal a guerra é um importantíssimo componente político-econômico. É o que mostra Ieremeev:

Em 1944, nos EUA, era editado o livro *The time for decision (Hora de decisões)*, de Summer Welles, ex-vice-secretário de Estado. Em determinada altura ele diz: “Naqueles anos de pré-guerra, os representantes dos grandes círculos financeiros e comerciais dos países ocidentais democráticos, inclusive dos Estados Unidos, estavam certos de que uma guerra entre a União Soviética e a Alemanha hitleriana só poderia favorecer os seus próprios interesses. Afirmavam que a Rússia, sem dúvida, seria derrotada e, com isso, se poria fim ao comunismo; quanto à Alemanha, debilitada pelos muitos anos de conflito, já não poderia constituir um perigo real para o resto do mundo”<sup>22</sup>.

São os cálculos da guerra. Sabemos que a União Soviética é invadida, mas não derrotada. A Alemanha é vencida e assim os projetos de expansão nazi-fascistas são frustrados. Quanto aos objetivos dos países democráticos, Eric Hobsbawm confirma as ponderações em torno do aniquilamento mútuo entre Alemanha nazista e União Soviética, pois

muitos conservadores achavam, sobretudo na Grã Bretanha, que a melhor de todas as soluções seria uma guerra germano-soviética, enfraquecendo, e talvez

---

<sup>22</sup> IEREMEEV, Leonid. *A União Soviética na Segunda Guerra Mundial*. Tradução: Hudson C. Lacerda. Rio de Janeiro: Revan, 1985, p. 20.



destruindo, os dois inimigos, e uma derrota do bolchevismo por uma enfraquecida Alemanha não seria uma coisa ruim<sup>23</sup>.

Por outro lado, continua Hobsbawm, também Stalin, ao assinar o pacto de não-agressão com a Alemanha, em 1939, “esperava manter a URSS fora da guerra enquanto a Alemanha e as potências ocidentais se enfraqueciam mutuamente, em proveito de seu Estado”. Não é bem a democracia — ou a vida humana — que é defendida na guerra. Toda a sorte de destruição e holocausto são coisas programadas no inteligente empreendimento bélico, conforme ainda Hobsbawm pode esclarecer:

Mas a produção também exigia organização e administração — mesmo sendo o seu objetivo a destruição racionalizada de vidas humanas da maneira mais eficiente, como nos campos de extermínio alemães. Falando em termos mais gerais, a guerra total era o maior empreendimento até então conhecido do homem, e tinha de ser conscientemente organizado e administrado.

Está claro que mortes e destruição são computadas nos cálculos políticos. O século XX é marcado por violentos combates, determinantes em relação ao desenho de nosso atual mapa-mundi e às idiosincrasias econômicas e sociais de nosso tempo. Quanto aos dias atuais (início do século XXI), as guerras prosseguem — e também a inteligência administrativa do homem técnico. Observando as operações do animal racional, é pertinente observar, a partir de uma canção (“Saiba”) de Arnaldo Antunes, o quanto é pueril o grandioso intelecto humano que domina o mundo:

Saiba: todo mundo foi neném  
Einstein, Freud e Platão também  
Hitler, Bush e Sadam Hussein  
quem tem grana e quem não tem  
Saiba: todo mundo teve infância  
Maomé já foi criança  
Arquimedes, Buda, Galileu  
e também você e eu  
Saiba: todo mundo teve medo  
mesmo que seja segredo  
Nietzsche e Simone de Beauvoir  
Fernandinho Beira-mar  
Saiba: todo mundo vai morrer  
Presidente, general ou rei  
anglo-saxão ou muçulmano  
todo e qualquer Ser humano  
Saiba: todo mundo teve pai  
quem já foi e quem ainda vai  
Lao Tse, Moisés, Ramsés, Pelé  
Ghandi, Mike Tyson, Salomé  
Saiba: todo mundo teve mãe  
índios, africanos e alemães  
Nero, Che Guevara, Pinochet  
e também eu e você<sup>24</sup>.

São aproximados, na canção, grandes personagens da filosofia e da ciência (Einstein, Freud, Platão, Arquimedes, Galileu, Nietzsche, Simone de Beauvoir, Lao Tse), figuras políticas eminentes (Hitler, Bush, Sadam Hussein, Ramsés, Ghandi,

<sup>23</sup> HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. 2. ed. Tradução: Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 152. As duas passagens seguintes de Eric Hobsbawm também são de *Era dos extremos* (p. 152 e 52, respectivamente).

<sup>24</sup> ANTUNES, Arnaldo. Saiba. In: \_\_\_\_\_. *Saiba*. São Paulo: BMG Brasil, 2004, f. 1. 1 CD.

Nero, Che Guevara, Pinochet), líderes político-religiosos (Maomé, Buda, Moisés), um bandido (Fernandinho Beira-mar), desportistas (Pelé, Mike Tyson) e a inclassificável degoladora Salomé. Todos foram crianças e todos vão morrer, pessoas, povos e etnias, gênios ou bandidos, chefes políticos ou religiosos, atletas ou dançarinas que podem decapitar (“e também eu e você”). Os “monstros sagrados”, os famosos, como qualquer anônimo, engatinharam, balbuciam, precisaram de cuidados e são frágeis como a própria vida. Os mais poderosos parecem dizer com seus gênios fortes que suas posturas inocentes e egoístas são irremovíveis (são mais importantes que qualquer religião ou filosofia) e devem ser o norte para toda a humanidade; são atitudes entendidas como certas e belas, como o mais lindo gol, e quem quiser questioná-las pode levar um soco, sofrer retaliações políticas ou provocar uma guerra (“santa” ou não). Birra pueril que lembra os já citados versos — “Todos os brinquedos de minha filha: / soldado, capitão, ladrão” — do poema “Grande homem, pequeno soldado”, de Drummond.

Então Drummond põe à mostra e questiona a maneira avassaladora de objetivar, quantificar, monetarizar e destruir as coisas (o mundo todo). A estranha “depuração” que aparece em “Os ombros suportam o mundo” pode ser compreendida como a perda do encanto, da ternura, da sensibilidade e como a “depuração” ocidental, material, antropomórfica, econômica, global, que busca dominar todo o planeta e reduzir tudo a sua lógica técnica, cultural, mercadológica e financeira.

O poeta expõe a responsabilidade técnica, política e econômica pela construção do mundo civilizado e pela devastação. Ouve as coisas, irmana-se com os entes. E arma-se, com sua poesia, contra a destruição da *physis*, da vida, de tudo quanto há. É ainda dentro do domínio da lógica técnica e econômica que seus versos se pronunciam (estamos todos sob o manto sagrado da “absoluta depuração”). O poeta, dentro do embaraço universal, tem olhos e vê, é cego e vê, arranca os olhos e vê; considera a aurora, o medo, o “mundo grande”, a “enorme realidade”, a “coisa miserável”; o poeta, na inscrição “A flor e a náusea” (*A rosa do povo*), lastima o tempo e a poesia: “O tempo pobre, o poeta pobre / fundem-se no mesmo impasse”. Mas o seu canto soa.

## Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Reunião*: 10 livros de poesia. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

\_\_\_\_\_. *A rosa do povo*. 19. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

ANTUNES, Arnaldo. *Saiba*. São Paulo: BMG Brasil, 2004. 1 CD.

BORCHERT, Wolfgang. O relógio de cozinha. Tradução: Manuel Antônio de Castro; Ariadne Santoro da Silva; Gilda Moreira dos Santos; Izabela Figueró C. da Silva. Apud: CASTRO, Manuel Antônio de. A poética de Wolfgang Borchert e a experiência da guerra. In: CASTRO, Manuel Antônio de. *Travessia poética*. 2004. Disponível em: <<http://acd.ufrj.br/~travessiapoetic/interpret/apoeticade.htm>>. Acesso em 12/3/2005.

CASTRO, Manuel Antônio de. *Linguagem: nosso maior bem*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 2004.

\_\_\_\_\_. *Método e fundamento: passagens*. Rio de Janeiro: 2005, mimeo.

\_\_\_\_\_. O mito Cura: o apelo e escuta da pro-cura. 2004. In: \_\_\_\_\_. *Travessia poética*. Disponível em: <<http://acd.ufrj.br/~travessiapoetic/filosoficos/omitocura.htm>>. Acesso em: 12 mar. 2005.

\_\_\_\_\_. *O mito de Midas do ser feliz*. Rio de Janeiro: [s.d.], mimeo.

\_\_\_\_\_. A poética de Wolfgang Borchert e a experiência da guerra. In: \_\_\_\_\_. *Travessia poética*. 2004. Disponível em: <<http://acd.ufrj.br/~travessiapoetic/interpret/apoeticade.htm>>. Acesso em 12/3/2005.

\_\_\_\_\_. Poiesis, sujeito e metafísica. In: \_\_\_\_\_ (org.). *A construção poética do real*. Rio de Janeiro: 7Letras; Faculdade de Letras/UFRJ, 2004, p. 13-82.

\_\_\_\_\_. *A questão do método: dialética e verdade*. Rio de Janeiro: 2005, mimeo.

DUBY, Georges. *Ano 1000, ano 2000: na pista de nossos medos*. Tradução: Eugênio Michel da Silva; Maria Regina Lucena Borges-Osório. São Paulo: UNESP, 1998.

ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

FERREIRA FILHO, Benjamin Rodrigues. Espectros do homem. *Destarte*, Vitória, v. 1, n. 1, p. 31-48, 1. sem. 2002.

\_\_\_\_\_. Caligrafia de si: vida, literatura, história. In: SALGUEIRO, Wilberth Claython Ferreira (org.). *Vale a escrita?: poéticas, cenas e tramas da literatura*. Vitória: Programa de Pós-Graduação em Letras; Centro de Ciências Humanas e Naturais; UFES, 2001, p. 100-109.

\_\_\_\_\_. Íon ou o rapsodo iluminado. *Revista Garrafa*, Rio de Janeiro, n. 10, ago-out 2006. Disponível em: <http://www.ciencialit.lettras.ufrj.br/>. Acesso em 6 de maio de 2008.

\_\_\_\_\_. Os sentidos da esperança: notas sobre os tempos atuais. In: *X Congresso Internacional Abralic 2006: Lugares dos discursos*. 1 CD-ROM.

\_\_\_\_\_. Vida e obra de cada um. *Destarte*, Vitória, v. 2, n. 1, p. 89-106, 1. sem. 2003.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. Tradução: Salma Tannus Muchail. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

HEIDEGGER, Martin. O caminho do campo. *Revista de Cultura Vozes*, Petrópolis, ano 71, n. 4, p. 46-48, 1977.

\_\_\_\_\_. A coisa. In: \_\_\_\_\_. *Ensaio e conferências*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 143-164.

\_\_\_\_\_. De uma conversa sobre a linguagem entre um japonês e um pensador. In: \_\_\_\_\_. *A caminho da linguagem*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 71-120.

\_\_\_\_\_. Do mistério da torre dos sinos. *Revista de Cultura Vozes*, Petrópolis, ano 71, n. 4, p. 48-49, 1977.

\_\_\_\_\_. Por que ficamos na província. *Revista de Cultura Vozes*, Petrópolis, ano 71, n. 4, p. 44-46, 1977.

\_\_\_\_\_. Que é isto — a filosofia? In: \_\_\_\_\_. *Conferências e escritos filosóficos*. Tradução e notas: Ernildo Stein. São Paulo: Nova Cultural, 1999, p. 21-40.

\_\_\_\_\_. *Sobre o humanismo*. Introdução, tradução e notas: Emmanuel Carneiro Leão. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

HEIDEGGER, Martin; AUGSTEIN, Rudolf; WOLFF, Georg. Heidegger e a política. O caso de 1933. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 50, p. 67-89, jul.-set. 1977.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. 2. ed. Tradução: Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

IANNI, Octavio. *Capitalismo, violência e terrorismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

IEREMEEV, Leonid. *A União Soviética na Segunda Guerra Mundial*. Tradução: Hudson C. Lacerda. Rio de Janeiro: Revan, 1985.

LEÃO, Emmanuel Carneiro. Introdução. In: HEIDEGGER, Martin. *Sobre o humanismo*. Introdução, tradução e notas: Emmanuel Carneiro Leão. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

\_\_\_\_\_. O pensamento originário. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 47, p. 3-13, out.-dez. 1976.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto comunista*. Tradução: Álvaro Pina. Organização e introdução: Osvaldo Coggiola. São Paulo: Boitempo, 1998.

MONICELLI, Mario. *O incrível exército de Brancaleone*. São Paulo: LW, [s.d.]. 1 disco DVD.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução de Mário da Silva. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

\_\_\_\_\_. *Crepúsculo dos ídolos*. Tradução: Delfim Santos Filho. Lisboa: Guimarães Editores, 1985.

\_\_\_\_\_. *A gaia ciência*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PLATÃO. Íon. Tradução Carlos Alberto Nunes. In: \_\_\_\_\_. *Diálogos (Apologia de Sócrates; Crítão; Mêno; Hípias maior; e outros)*. Belém: UFPA, 1980, p. 223-239.

SCHNAIDERMAN, Boris. *Guerra em surdina*. 4. ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

SEMPRUN, Jorge. *A escrita ou a vida*. Tradução: Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.